

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Pós-Graduação da Criança em Creche

Projecto de Investigação

Bárbara Antunes, N° 1998011

Inês Ferreira, N° 2004070

Porto, 2009

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Pós-Graduação da Criança em Creche

Projecto de Investigação

Bárbara Antunes, N° 1998011

Inês Ferreira, N° 2004070

Orientador: Professor Júlio Sousa

Porto, 2009

Índice

	Pág.:
Introdução	5
1-Apresentação e Justificação do objecto de estudo	6
2- Problemática teórica	8
2.1 Desenvolvimento psicossocial do bebé	8
• Emoções:	9
- Modalidades de choro	9
- Rir/sorrir	10
• Temperamento	10
• Vinculação:	11
- Etapas de vinculação	11
- Situação estranha	12
- Padrões de vinculação	13
- Regulação mútua	15
• Relação adulto/pais/bebé	15
- Intervenção do educador na creche	15
- Rotina diária	17
- Parcerias pais e educadores, trabalho em parceria	18
3 - Considerações metodológicas:	20
• Tipo de estudo	20
• População amostra	20
• Técnicas de Recolha de Informação	20
• Apresentação dos instrumentos de tratamento de informação	21
4 – Componente empírica:	22
• Análise dos resultados dos inquéritos por questionário	22
5 – Conclusões finais relativamente à pergunta de partida	41
Considerações finais	44
Bibliografia	45
Anexos	46

Introdução

O presente trabalho foi elaborado no âmbito do Projecto de Investigação, inserida no currículo da Pós-Graduação da Criança em Creche, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e foi orientado pelo docente Doutor Júlio Sousa.

Quando as crianças nascem, captam pouco do mundo que as rodeia e compreendem ainda menos. Como os seus sentidos não estão focalizados, elas olham sem perceber o que vêem e ouvem sem entender o que significa o som. Nas primeiras semanas de vida, nem sequer se apercebem de que estão separadas do Mundo. Com o passar dos anos, as crianças vão vivenciar uma outra fase igualmente importante, pois vão fazer as grandes aquisições do Ser Humano. Adquirem aptidões físicas, mentais e sociais que continuam a desenvolver durante o processo de crescimento. No entanto, hoje sabe-se que os primeiros dias e meses de vida, bem como a ligação mãe/bebé, influenciarão a aquisição dessas mesmas aptidões.

Assim, pretendemos abordar o tema da vinculação e perceber a sua influência no processo de adaptação das crianças à Creche, tendo como pergunta de partida: “Como é que os tipos de vinculação interferem no processo de adaptação da criança à Creche?” Os objectivos gerais e específicos do trabalho passam por: conhecer os diferentes padrões de vinculação, perceber de que modo a ligação Mãe/Bebé interfere na adaptação do bebé ao ambiente de Creche. Pretendemos ainda conhecer diferentes respostas da criança e do educador no processo de interacção.

Gostaríamos de esclarecer, que durante a nossa investigação, utilizaremos muitas vezes a palavra educador, no entanto, queremos-nos referi-lo como Prestador de Cuidados Maternos, ou seja, Educadores de Infância e Auxiliares de Acção Educativa.

Pretendemos ao longo do trabalho responder ao que nos propusemos a estudar, sendo assim, neste projecto, apresentamos a nossa justificação do tema escolhido, seguido da apresentação da nossa problemática e principal objecto de estudo. Como base, indicaremos a pergunta de partida e respectivas hipóteses que pretendemos comprovar ou não, ao longo da nossa investigação. Seguem-se as considerações metodológicas, através das quais pretendemos dar a conhecer: o tipo de estudo por nós elaborado, a população-amostra que lhe serviu de base, os métodos e técnicas de recolha de informação utilizados e os instrumentos de tratamento de informação. Na parte final do presente projecto, apresentamos as conclusões sobre o nosso principal objecto de estudo, bem como a resposta à pergunta de partida por nós elaborada.

I - Apresentação e Justificação do objecto de estudo

A amostra deste estudo é constituída por oito crianças da sala dos bebés da Associação de Solidariedade Humanitária de Monte Córdova, com idades compreendidas entre os quatro e dez meses.

O facto de os bebés de tão tenra idade terem de enfrentar um novo ambiente e conhecer novas pessoas, suscitou-nos alguma curiosidade e perplexidade, pois sabemos hoje que é um processo complexo e determinante para a vida futura.

Durante a nossa Pós-Graduação, aprofundamos o nosso conhecimento acerca do desenvolvimento e da aprendizagem na primeira infância, que sabemos ser hoje determinante nas relações futuras.

Assim, *pais e educadores* têm um papel fundamental a desempenhar no desenvolvimento das crianças de tenra idade. Estas precisam de períodos de tranquilidade e bulício, de rotinas e de desafios, de tarefas sensatas e sérias compensadas por jogos que são fúteis mas divertidos, contribuindo para um pleno, global e harmonioso desenvolvimento e crescimento.

Sendo o trabalho em creche cada vez mais importante, quisemos aprofundar os nossos conhecimentos, num misto de motivações pessoais e profissionais, os processos vinculativos, ou seja, o tipo de apego que os bebés estabelecem com a mãe, que sabemos hoje, influenciam as relações com os prestadores de cuidados maternos.

Sendo assim, formulamos a seguinte Pergunta de Partida: “Como é que os tipos de vinculação interferem no processo de adaptação da criança à Creche?”

Ao longo do ano, a teoria abordada e a nossa experiência permitiu-nos saber que actualmente, os tipos de apego têm repercussões nas relações psicossociais. Sendo assim, elaboramos as nossas hipóteses:

- Crianças com vinculação segura, têm uma adaptação à creche mais “segura”. Na prática, os bebés não sofrem com a separação, porque mesmo não vendo o adulto, eles sentem-se seguros;
- Crianças com vinculação evitante, têm uma adaptação à creche aparentemente fácil, pois o bebé é mais passivo, não pede atenção e “foge” do adulto, talvez pela mãe não lhe ter dado atenção suficiente;

- Crianças com vinculação evitante, têm uma adaptação à creche aparentemente fácil, pois o bebé é mais passiva, não pede atenção e “foge” do adulto, talvez pelo bebé não trazer consigo desde o nascimento esta necessidade;
- Crianças com vinculação ambivalente ou resistente têm uma adaptação à creche mais difícil, uma vez que sofrem de ansiedade de separação e angústia face a estranhos;
- Crianças com vinculação desorganizada, têm uma adaptação à creche difícil, pois parecem bebés confusos e com medo

Mas antes de confirmarmos a nossa questão, primeiramente apresentamos a problemática teórica referente a esta pergunta de partida.

2 - Problemática Teórica

O período que começa no momento da concepção e culmina no primeiro aniversário da criança tem muito mais implicações no desenvolvimento humano do que se julgava até há pouco tempo.

Hoje sabe-se que aceitar que se está grávida, com todas as suas implicações, é o primeiro sinal de vinculação. A experiência de vida intra-uterina é demasiado afectada pelas experiências da mãe. A alimentação, os estados emocionais, a saúde, a forma de se mover interagem com a vida do bebé no seu presente e no seu futuro. Daí a importância da rede familiar que gira em torno da grávida, um ambiente apoiante ajuda a grávida a superar as alterações corporais, as dificuldades e ansiedades deste período culminando com o momento do parto.

Mal ocorra o nascimento, é de grande importância a ligação que o recém-nascido estabelece com a mãe, uma vez que este beneficiará desses laços afectivos, contribuindo para o seu bem-estar e segurança. A vinculação afectiva requer um contacto físico directo, estabelecido entre a mãe e o recém-nascido, visto que este responde com mais facilidade a estímulos e reacções. Hoje sabe-se, que o olfacto é o sentido mais apurado no bebé e o primeiro contacto com a pele da mãe é crucial, pois ajudará a confortá-lo. Os recém-nascidos começam por avaliar o que os sentidos lhes transmitem e utilizam as suas competências cognitivas para distinguir essas experiências sensoriais.

O nosso principal objectivo neste estudo, como já acima referimos, é perceber de que modo os tipos de vinculação interferem no processo de adaptação da criança à Creche, no entanto, não podemos falar de vinculação sem aprofundarmos o desenvolvimento psicossocial do bebé em todas as suas vertentes.

2.1 DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DO BEBÉ

Um bebé recém-nascido depois de uma longa jornada é confrontado com inúmeras dificuldades que terá obrigatoriamente de aceitar e adaptar. Respirar, comer, adaptar-se ao clima e responder ao ambiente são desafios que um bebé tem de ultrapassar. No entanto, a maioria dos bebés já traz sistemas prontos para esta adaptação.

“O desenvolvimento cognitivo ocorre quando o bebé transforma o novo em familiar e o desconhecido em conhecido.”

(Reinglod, 1985)

EMOÇÕES:

Os reflexos do recém-nascido vão desaparecendo ao longo do tempo, mas é sinal de maturação do córtex cerebral, isto é, um desenvolvimento saudável.

A ligação entre pais e bebé ajuda-os a reconhecer as necessidades deste último. O bebé começa desde cedo a dar “sinais” diferentes para as suas necessidades.

Os bebés trazem consigo diferentes modalidades de choro e de sorriso que aplicam para interagir com o adulto. O sorriso é a primeira modalidade de interacção e estabilidade social, de formação de personalidade. Quantos mais sorrisos a criança tiver, mais quer interagir com o adulto. No entanto, é com as crianças com menos modalidades de sorriso, que nós profissionais de educação mais devemos interagir, para as estimular.

• MODALIDADES DE CHORO

Os bebés revelam, desde muito cedo, personalidades diferentes, estes mostram sinais de desconforto, interesse, fome, frio... Estes primeiros sinais de sentimentos dos bebés são passos importantes no desenvolvimento. O seu único “meio de comunicação” é o choro, pois quando precisam de atenção, ou têm fome, choram. Chorar, é o meio mais poderoso dos bebés comunicarem as suas necessidades. Segundo Papalia (2001) os bebés demonstram 4 padrões de choro diferenciados. São eles: o choro básico de fome (um choro ritmado, nem sempre associado à fome), choro de raiva (uma variação de choro ritmado, no qual o excesso de ar é forçado através das cordas vocais), o choro de dor (um início súbito de choro alto, sem gemidos preliminares, por vezes seguido de contenção da respiração) e choro de frustração (dois ou três choros alongados, sem que a respiração seja contida por muito tempo). Quanto mais diferenciados forem estes choros, mais sinal de desenvolvimento emocional tem o bebé. Assim, pais e educadores devem ser sensíveis às diferentes modalidades de choro e responder diferenciadamente a cada uma delas.

- **RIR/SORRIR**

Assim como as modalidades de choro são demasiado importantes, rir e sorrir, são essenciais para exprimir emoções. Aliás o primeiro sorriso (sorriso intuitivo) serve para pedir atenções. Um bebé que retribui generosamente com sorrisos o cuidado que lhe é prestado, provavelmente, forma relacionamentos mais positivos do que um bebé que sorri com menos frequência. Sendo assim, a linguagem não verbal é de extrema importância no primeiro ano de vida e o papel da mãe, do pai, mesmo que esta relação não seja tão espontânea, e da creche é de conhecer todos os sinais da criança para poder estabelecer relações.

Segundo Papalia “*o primeiro sorriso do bebé ocorre espontaneamente logo após o nascimento como resultado da actividade do sistema nervoso central*” (2001:236). Sorrir passa a ser um acto social frequente por volta do primeiro mês tornando-se mais expansivo e duradouro para pessoas que lhe são familiares. A partir dos 4 meses os bebés começam a rir mais e aos 9 meses o bebé já deve/tem que sorrir de maneira diferente para pessoas diferentes. O “Facies” ganha importância pois estimulamos sorrisos através do nosso próprio “Facies”.

TEMPERAMENTO

O temperamento tem sido denominado “*o «como» do comportamento: não o que as pessoas fazem, mas o modo como estão naquilo que fazem.* (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2001:236).

Um estudo pioneiro (Papalia 2001) identificou nove aspectos de temperamento que aparecem logo após o nascimento: nível de actividade (como e quanto o bebé se movimenta); rítmica ou regularidade (a previsibilidade dos ciclos biológicos de fome, sono); aproximação ou afastamento (como o bebé responde inicialmente a estímulos novos tais como um brinquedo, alimentos ou pessoas novas); adaptabilidade (com que facilidade uma resposta inicial a uma situação nova ou alterada é modificada numa direcção desejada); limiar da responsividade, (que quantidade de estimulação é necessária para suscitar uma resposta); intensidade da reacção, (quão energeticamente o bebé responde); qualidade do humor (se o comportamento é predominantemente agradável, alegre e simpático ou se é desagradável, triste ou antipático) distractibilidade, (com que facilidade um estímulo pode alterar ou interferir no comportamento de uma

peessoa); tempo de atenção e persistência (por quanto tempo é que o bebé se dedica a uma actividade e continua apesar dos obstáculos).

Considerando o temperamento como o modo como o bebé reage a diferentes situações, torna-se relevante conhecer os factores ambientais e o tratamento parental, uma vez que estes podem provocar mudanças consideráveis.

VINCULAÇÃO

A segurança da vinculação desenvolve-se a partir da confiança [...] os bebés com uma vinculação segura aprenderam a confiar não apenas nas figuras parentais mas também na sua capacidade de obter aquilo que necessitam. (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2001:248)

Para Piaget, o desenvolvimento “consiste numa reorganização de estruturas cognitivas construídas através da acção do sujeito” (Jesus, 2004:92). Piaget distingue vários estádios de desenvolvimento existindo diferenças qualitativas, nas quais as estratégias utilizadas para cada uma delas são diferentes. Os materiais a serem manipulados, devem ir ao encontro de cada estádio, salientando o primeiro estádio de Piaget: o sensório-motor. As oportunidades a criar para crianças tão pequenas deve apoiar e aperfeiçoar o desenvolvimento das suas acções, agindo sobre o meio em que está inserido. Qualquer estádio de desenvolvimento prepara o seguinte, dependendo das construções de cada criança, bem como as sensações que lhe estão disponíveis.

No que respeita ao bom desenvolvimento sócio-afectivo, a infância é bastante essencial e crucial neste aspecto. Para Bowlby, o reportório do bebé é constituído por um conjunto de reflexos que se organizam em torno da figura materna. Criar vínculos seguros ajuda a criança a crescer e a desenvolver-se de uma forma segura e confiante. A vinculação é uma ligação emocional recíproca e duradoura entre o bebé e a figura parental, em que cada um contribui para a qualidade da relação. Para o recém-nascido, a vinculação assegura-lhe que as suas necessidades psicossociais e físicas estão satisfeitas.

• ETAPAS DE VINCULAÇÃO

Durante a primeira infância, como temos vindo a afirmar, a vinculação tem um papel demasiado importante para todas as crianças. Entende-se por vinculação “uma

ligação emocional recíproca e duradoura entre o bebé e a figura parental, em que cada um contribui para a qualidade da relação.” (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2001:245)

Para Ainsworth, para existir aprendizagem, a qualidade da vinculação é marcante. Assim, estabelece 4 etapas de vinculação para atingir a vinculação segura, aquela em que a criança tem a certeza que é amada, aquela em que as crianças não sofrem com a separação, porque mesmo não vendo o adulto de referência, sentem-se seguras.

Neste sentido, existe a “pré-vinculação” do 1.º ao 3.º mês em que é muito importante o contacto com pessoas diferentes (poucas de cada vez, naturalmente) e que estabeleçam interações de qualidade com o bebé. De seguida temos a “vinculação inicial” dos 3 aos 7 meses, em que se valoriza o sorriso e as suas diferentes modalidades, como referido anteriormente.

Na terceira etapa, surge a “vinculação segura/firme”, em que a criança distingue a figura materna ocorrendo a angústia de separação quando a mãe se afasta. É importante, por volta dos 8/9 meses que a criança distinga e tenha relações qualitativamente diferentes. Estranhar pessoas e comportamentos é relevante pois é sinal que a criança distingue. Esta ansiedade de separação não é um problema, é um indicador importante do desejo intenso de ligação, ou seja, sinal de desenvolvimento.

Por fim, temos o “desenvolvimento da vinculação”, após os 2 anos de idade.

• SITUAÇÃO ESTRANHA

Ainsworth para desenvolver a sua teoria sobre vinculação realizou 8 episódios, breves e controlados laboratorialmente, todos eles descritivos sobre a relação de vinculação existente entre a mãe e o bebé. Ainsworth e outros colegas apoiantes acreditam que o comportamento na Situação Estranha reflecte características estáveis, pelo menos durante os primeiros anos de vida. Sugerem que por vezes, podemos utilizar o comportamento do bebé nesta situação para prever como reagirá ou comportar-se-á perante as mais diversas situações que possam aparecer na sua vida.

Assim, a situação estranha ocorre numa sala desconhecida dando oportunidade a observadores/investigadores de analisar de uma forma quase descritiva o comportamento da criança, quando esta se encontra sozinha, na companhia da sua mãe, e com um estranho em 8 episódios. São eles:

1.º episódio: com a duração de 30 segundos, está presente a mãe, o bebé e o observador e pretende-se mostrar a sala à mãe e ao bebé;

2.º episódio: com a duração de 3 minutos, está presente a mãe e o bebé e pretende-se que o bebé explore o ambiente sem intervenção das mãe;

3.º episódio: com a duração de 3 minutos, está presente a mãe, o bebé e uma estranha e pretende-se : ao 1.º minuto, entrada da estranha de forma silenciosa; ao 2.º minuto, a estranha dialoga com a mãe e ao 3.º minuto, a estranha aproxima-se do bebé e a mãe sai discretamente;

4.º episódio: com a duração de, aproximadamente, 3 minutos (dependendo do temperamento do bebé) está presente a estranha e o bebé e pretende-se observar o primeiro episódio de separação, onde a estranha adapta o seu comportamento ao do bebé;

5.º episódio: com a duração de 3 minutos ou menos, está presente a mãe e o bebé e pretende-se observar o 1.º episódio de reunião, onde a mãe saúda e conforta o bebé. De seguida, estimula a brincadeira e sai dizendo adeus.

6.º episódio: com a duração de 3 minutos ou menos, (dependendo do temperamento do bebé) está presente só o bebé e pretende-se observar o 2.º episódio de separação;

7.º episódio: com a duração de 3 minutos ou menos, (dependendo do temperamento do bebé) está presente o bebé e a estranha e pretende-se continuar a observar o 2.º episódio de separação, entrando a estranha ajustando o seu comportamento ao do bebé;

8.º episódio: com a duração de 3 minutos está presente a mãe e o bebé e pretende-se observar o 2.º episódio de reunião, onde a mãe conforta o bebé, pegando-o ao colo. Entretanto a estranha sai discretamente.

Através da observação destes episódios Ainsworth constatou que o comportamento dos bebés, é divergente, ou seja, reagem de modos diferentes consoante o tipo de vinculação que estabeleceram com a mãe.

• PADRÕES DE VINCULAÇÃO

Não podemos deixar de referir que a qualidade de vinculação depende da capacidade da criança e da figura parental ajustarem interações e responderem apropriadamente aos sinais relativos aos estados emocionais de cada um. Isto porque,

quanto mais cedo for estabelecida esta vinculação com a mãe, mais o recém-nascido beneficia destes laços afectivos, contribuindo para o seu bem-estar e segurança.

Para Bowlby, o reportório do bebé é constituído por um conjunto de reflexos que se organizam em torno da figura mãe. Criar vínculos seguros ajuda a criança a crescer e a desenvolver de uma forma segura e confiante. Ainsworth, identificou três padrões de vinculação: a vinculação segura, a insegura ou ansiosa, no qual está inserido a vinculação evitante e a ambivalente/resistente, e por fim a vinculação desorganizada/desorientada.

1-Vinculação segura:

Os bebés com vinculação segura, têm a tendência para chorar quando a mãe se desloca, esperando pelo seu regresso com alegria. Separa-se facilmente da mãe, uma vez que são cooperantes. Cria-se uma vinculação segura quando os bebés choram e a mãe responde de forma a sossegá-los.

2-Vinculação insegura/ansiosa:

- vinculação evitante:

Na vinculação evitante, tal como o próprio nome indica, os bebés raramente choram quando este é separado da mãe, evitando o seu contacto quando regressa. Não gostam de ser pegados ao colo, ou ser colocados no chão, ficam facilmente zangados ou aborrecidos.

- vinculação ambivalente/resistente:

Na ambivalente/resistente, é caracterizado pelo facto de os bebés se tornarem ansiosos mesmo antes da saída da mãe, tendo tendência para ficarem perturbados ou inquietos aquando da sua ausência, mas quando a mãe regressa, procuram de imediato contacto com a mesma.

3-Vinculação desorganizada/desorientada:

Na vinculação desorganizada/desorientada, a criança quando separada da mãe, apresenta comportamentos inconsistentes e contraditórios, pois transmitem sentimentos de medo e de receio, uma vez que tanto podem saudar a mãe quando regressa, ou então afastam-se dela no seu regresso. Geralmente este tipo de vinculação acontece quando a criança sofreu algum trauma, perda, ou abuso.

- **Regulação mútua**

“Processo através do qual o bebé e o adulto que dele cuida comunicam estados emocionais entre si e reagem de um modo apropriado”. (PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2001:252)

As competências básicas de que o bebé é dotado para comunicar - choro, sorriso, contacto físico ou outro tipo de expressões faciais - permite que o bebé obtenha resposta às suas necessidades físicas ou emocionais, por parte dos pais ou educador.

Durante este processo os bebés enviam sinais na expectativa de uma resposta, sendo evidente o seu valor adaptativo para a criança. Assim, é possível desenvolverem uma aprendizagem que lhes permite, inclusive, ler o comportamento dos outros e, deste modo, desenvolver expectativas sobre eles.

No entanto, é essencial que essa regulação se processe de modo adequado, dado que é partir dela que o bebé encara de forma positiva ou negativa a realidade à sua volta. Desta forma, se o bebé estiver satisfeito, desenvolve um sentimento de segurança e bem-estar; com estímulos em demasia pode originar situações de aflição e ansiedade; com poucos estímulos, pode ficar frustrado e desinteressado, sentimentos que podem vir a repercutir-se negativamente no seu futuro, afectando-o até na idade adulta.

RELAÇÃO ADULTO/PAIS/BEBÉ

- **Intervenção do Educador na Creche**

De acordo com Stanley Greenspan (1997), as *“relações consistentes e estimulantes com as mesmas pessoas que cuidam da criança, [...] desde cedo e ao longo da infância, são as pedras angulares da competência emocional e intelectual, permitindo à criança formar um elo de ligação profundo que se desenvolve originando um sentimento partilhado [...], de empatia, de compaixão”* (Post, Hohmann, 2003:59).

De facto, as relações que se estabelecem tanto com os pais como com a equipa educativa da instituição têm e devem ter estabilidade e consistência, uma vez que o educador desempenha um papel fundamental na vida da criança, procurando dar-lhes uma atenção contínua em cada interacção. Estas procuram relações de apoio, por isso os

educadores ajudam-nas a estabelecer e a manter relações com os pares e com outros adultos no centro.

A creche deve oferecer à criança um ambiente de qualidade, promovendo o seu desenvolvimento e aprendizagem. O bebé necessita de uma atenção especial às suas necessidades físicas e psicológicas, às suas preferências e motivações num ambiente seguro, saudável e adequado ao seu crescimento.

As crianças recolhem informação a partir das suas acções: olhando para a cara do adulto, ao brincarem, ao tocarem, pois a crianças em idade de creche, aprendem com todo o seu corpo e através dos seus sentidos. É *“através da coordenação do paladar, tacto, olfacto, visão, audição, sentimentos, acções, que são capazes de construir conhecimentos”* (Post, Hohmann, 2003: 23).

A presença do adulto, no ambiente de creche facilita a constituição do grupo e as interacções entre as crianças. O facto das crianças estarem rodeadas por pessoas que conhecem e em quem confiam permite-lhes explorarem novidades e enfrentarem corajosamente os desafios que promovem crescimento. O educador passa a conhecer o grupo e a acumular um conjunto cada vez maior de conhecimentos específicos úteis sobre cada um deles.

Pelo facto da criança mais pequena ser vulnerável à adaptação da creche, torna-se essencial o contacto mais directo com as famílias. Assim, o educador tem de se mostrar disponível, atento e interessado, transparecendo sempre uma imagem de confiança com os pais.

O educador tem um papel primordial e único possibilitando estímulos imprescindíveis para o desenvolvimento da criança, ao mesmo tempo que promove uma relação próxima com ela. As crianças desenvolvem-se em contextos cuidados calorosos e atentos às suas carências individuais.

O educador transmite uma imagem de doçura, segurança que servirá de alicerce para a confiança em si mesma. Deve estabelecer laços com as crianças, tendo em conta a especificidade do grupo, pelo qual é necessário desenvolver relações de confiança e atenção. Tendo em conta que as interacções com os adultos que a rodeiam *“[...] proporcionam o «combustível» emocional de que as crianças precisam para desvendar os mistérios com que se deparam no seu mundo social e físico [...]”* deve-se assegurar relações de confiança e apoio entre o educador e a criança, para que esta se sinta protegida e segura (Post, Hohmann, 2003: 12).

Não nos podemos esquecer, que os tempos de aprendizagem das crianças mais pequenas, ocorrem durante as interações entre um adulto e a criança, ou seja, durante o tempo de cuidados de higiene, alimentação, de sono, de brincadeira, ou seja, o educador aborda as rotinas diárias a partir da perspectiva da criança, respeitando o que a criança está a fazer. Contudo, deve ser garantida a *“continuidade educativa entre a família e instituição escolar como contexto vantajoso para o desenvolvimento da criança”* (Zabalza, 1998:112).

• ROTINA DIÁRIA

O dia-a-dia das crianças inclui determinados acontecimentos diários regulares, como a chegada, a partida, actividades livres, intercaladas com as rotinas de cuidados individuais, como as interações adulto-criança, que ocorrem durante as refeições, higiene, entre outros. No entanto refiro que a rotina deve estar planeada de forma a apoiar a iniciativa da criança.

A hora da chegada à instituição é por vezes um momento frustrante para a criança, pois tem de deixar os pais. As boas vindas descontraídas e calorosas por parte do educador ajudam a criança a ter certeza de que ficam num ambiente harmonioso e confiante. A presença do adulto pode ajudar as crianças e respectivos pais a sentirem-se tranquilos e confiantes. De forma a apaziguar esta separação e reencontro, o educador tem um papel educativo importante, pois deve-se preocupar em fazer as despedidas e dar as boas vindas de forma a tranquilizar tanto os pais como as crianças, reconhecer e valorizar os seus sentimentos.

A hora da refeição é uma hora de convívio social, bem como o contacto físico com um adulto é importante, pois a criança é *“capaz de crescer de se desenvolver porque aprende a confiar no mundo como um local onde as pessoas reconhecem e respondem às suas necessidades”* (Post, Hohmann, 2003:219). O bebé enquanto come, interage com o adulto, fortalecendo laços e criando um relação especial.

No que respeita à higiene pessoal, as rotinas dos cuidados corporais (por exemplo, mudar a fralda) decorrem várias vezes durante o dia. Estas vivências promovem o conforto físico e a saúde. Através das interações pessoais e carinhosas envolvidas nos cuidados de higiene corporal, a criança tem oportunidade de construir relações de confiança e segurança com o educador.

- **PARCERIA PAIS E EDUCADORES, TRABALHO EM EQUIPA**

Tal como John Dewey (1897) afirma, *“a escola deve apoiar-se nas experiências vividas pela criança no seio da família e crescer gradualmente para fora da vida familiar; deve partir das actividades que a criança vivência em casa e continuá-las... é tarefa da escola aprofundar e alargar os valores da criança, previamente desenvolvidos no contexto da família”* (Homann, Weikart, 2004:99). De facto, através deste contacto que a criança beneficia das relações que se estão a desenvolver entre os adultos.

A troca de informações permite um maior conhecimento da criança, bem como uma maior continuidade de cuidados, para que se possa dar uma melhor resposta às crianças no que respeita às suas necessidades e seus interesses, caminhando sempre para o seu bem-estar, crescimento e desenvolvimento saudável. Convém não esquecer que a *“família e instituição, são dois contextos educativo que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso que haja uma relação entre estes dois sistemas”* (Ministério da Educação, 1997:43).

Os pais devem sentir-se desejados e bem aceites no contexto da escola participando na hora das refeições dos seus filhos, ou mesmo na rotina que se estabelece na sala. Deve-se aproveitar estes momentos para falar sobre as crianças, ou até mesmo participando na vida da sala. Em bebés de tão tenra idade, é imprescindível esta relação, pois pais seguros e confiantes estabelecem uma verdadeira colaboração, contribuindo para um bom desenvolvimento da criança.

Para conhecer melhor a criança, deve-se apoiar e aprender sobre o par pais-criança através de visitas de familiarização no centro infantil, pois tanto os pais como o educador têm o mesmo objectivo: o de proporcionar à criança o melhor cuidado e educação possível. Paralelamente, o conhecimento dos pais das etapas de desenvolvimento das crianças, influencia as interpretações que fazem do desenvolvimento dos filhos e da sua capacidade de resposta a esse desenvolvimento. A troca de informação permite a aprendizagem e o conhecimento fundamental para a função parental.

O educador, tem como principal objectivo o *“de proporcionar um ambiente caloroso, seguro e interessante para os pais das crianças sentirem confiança em lhes entregar.”* (Post, Hohmann, 2003:330). Ambos ganham mais segurança, e por sua vez

melhores cuidados e aprendizagens para as crianças. Assim sendo, a criança torna-se mais confiante e segura, pois sabe que pode confiar os adultos que a rodeia.

Através do contacto pais/educador, é dado conhecimento do desenvolvimento da criança. Tendo sempre presente a importância do contributo que os pais podem dar para a educação da criança, o educador deve dar conhecimento das actividades e motivar os pais para participarem activamente conseguindo-se um melhor resultado educativo em conjunto.

As crianças sentem que podem confiar nos adultos para os carinhos, cuidados e primeiras aprendizagens que lhes servirão de sustentáculo para o resto das suas vidas. É necessário e de grande importância que se estabeleça uma vinculação segura, para que possa aprender não só a confiar nos adultos que a rodeiam, mas também para a capacidade de obter aquilo que necessitam. Por sua vez, tornam-se mais sociáveis com pares e com adultos.

III - Considerações Metodológicas

- **TIPOS DE ESTUDO**

No que diz respeito ao tipo de estudo, este terá como base a investigação – acção. Este tipo de estudo implica que os investigadores tenham um papel activo desde o início da investigação. O objectivo desses investigadores é, num primeiro momento, estar atentos à realidade que os rodeia para conseguirem perceber a pertinência de determinada problemática. Ao nível da investigação; num segundo momento, terão de chegar a uma solução para que essa problemática seja resolvida, solução essa que tem sempre a sua participação activa.

- **POPULAÇÃO-AMOSTRA**

Num trabalho de investigação existe sempre uma população que tem de ser definida pelos investigadores. Sendo a população o conjunto de todos os indivíduos de determinado grupo (com determinadas características específicas), na maioria das investigações é praticamente impossível estudar a população na sua totalidade. Como forma de solucionar este problema, normalmente os investigadores seleccionam uma parte dessas pessoas, ou seja, uma amostra.

No caso da nossa investigação, a população que vamos estudar é constituída por oito bebés e respectivos pais, em adaptação à Creche da Associação de Solidariedade Humanitária de Monte Córdova.

- **TÉCNICAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO**

No que respeita às técnicas utilizadas para recolha de informação referente à problemática abordada, utilizámos dois tipos de técnicas: técnicas documentais e técnicas não-documentais. As primeiras referem-se a autores relacionados com a temática em questão e as segundas, referem-se a Inquéritos por Questionário, destinado aos pais. (ver anexo I). Esta técnica, administrada de forma directa, pois é o próprio inquirido que preenche, permite-nos recolher informação junto de pais que poderão dar resposta à nossa pergunta de partida, uma vez que iniciaram a frequência da Creche à poucas semanas, e onde o processo de vinculação é relevante para análise.

A construção do Inquérito por Questionário baseou-se na expectativa de sermos melhor esclarecidas em relação ao padrão de vinculação que a mãe tem com o seu bebé, no entanto, não podemos esquecer que *“este último processo merece pouca confiança [...] dado que as perguntas são muitas vezes mal interpretadas”* (QUIVY, CAMPENHOUD, 2003: 188).

Outra técnica utilizada, refere-se a registos de observação (ver anexo II), uma vez que se referem a factos concretos, que nos ajudam a confirmar ou não os aspectos referidos na problemática teórica. Nestes registos, focalizamos a nossa atenção para determinados momentos específicos, nomeadamente a chegada e a partida, bem como os momentos de interacção entre o educador e o bebé em cuidados maternos.

Estes registos de observação foram realizados através de pequenos filmes autorizados pelos pais. No entanto, e de modo a salvaguardar o anonimato dos mesmos, realizamos a partir desses vídeos registos de observação.

O facto de se utilizar estes dois tipos de técnicas para recolha de dados, permitiu-nos obter informação de várias perspectivas.

- **APRESENTAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO**

Depois de implementado o Inquérito por Questionário aos pais, fizemos a análise dos mesmos, especificando os aspectos mais pertinentes tendo em conta o nosso estudo.

Os Inquéritos por Questionário, e os Registos de Observação, não constituem um fim por si mesmos. São apenas instrumentos de recolha de informação, sendo necessária a realização de uma análise para tratar essa mesma informação.

Sendo então o Inquérito por Questionário um método quantitativo, recorreremos à análise estatística de dados a estudar. *“A análise estatística dos dados impõe-se em todos os casos em que estes últimos são recolhidos por meio de um inquérito por questionário”* (Quivy, Campenhoudt, 2003: 224). No entanto, a metodologia utilizada é mais qualitativa uma vez que recorreremos a uma amostra pequena, a questões abertas e semi-abertas no Inquérito por Questionário, que pressupõem, a análise de conteúdo das respostas dos inquiridos.

Nos registos de observação procuramos explicar, compreender e analisar o que se pretende observar

Componente Empírica

Após análise da nossa problemática teórica, do tema “vinculação/adaptação dos bebés à Creche” apresentamos, de seguida, as conclusões a que chegamos na nossa investigação.

Todo este trabalho pretende responder à nossa pergunta de partida e às suas hipóteses.

- **ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO**

1 e 2 - Caracterização do universo de crianças observadas por idade (em meses) e sexo

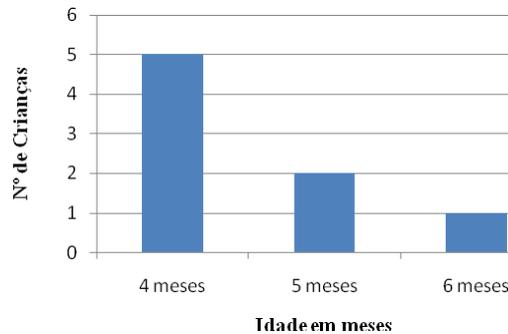
Idade	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
4 meses	1	1	2
5 meses	1		1
6 meses	1		1
7 meses	2	1	3
8 meses	1		1
9 meses			0
10 meses			0
Total	6	2	8

*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Quadro 1

O grupo é constituído por 8 crianças (6 do sexo masculino e 2 do sexo feminino), com idades compreendidas entre 4 e os 8 meses.

3 - Caracterização do universo de crianças observadas pela idade em meses com que iniciou a frequência na Creche

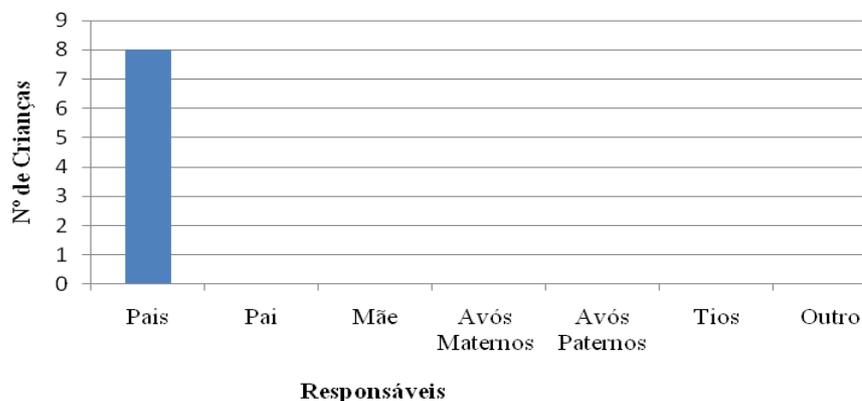


*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 1

Apresentados sobre a forma de gráfico, os dados recolhidos mostram que 5 crianças iniciaram a sua frequência na Creche com 4 meses, 2 crianças com 5 meses e uma com 6 meses de idade.

4 - Caracterização das crianças sobre a responsabilidade de:

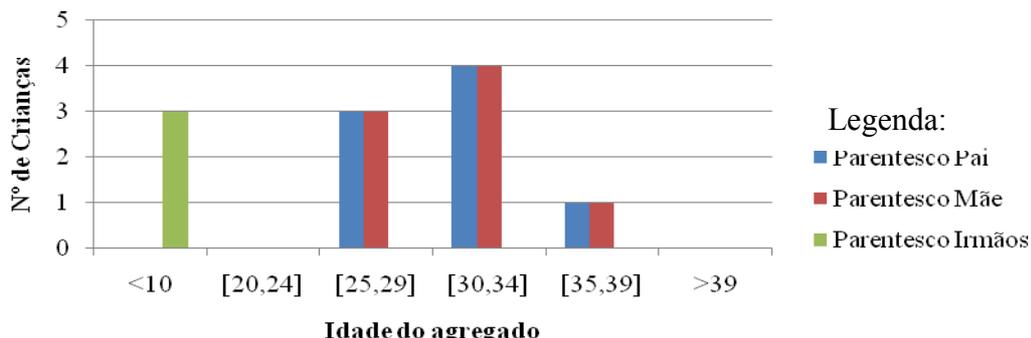


*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 2

Através deste gráfico, podemos constatar que todas as crianças se encontram ao cargo de ambos os pais.

5 - Caracterização do agregado familiar no que respeita à idade



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 3

Observa-se que a maior parte dos pais tem idades compreendidas entre os 30 e os 34 anos e que os irmãos em questão apresentam menos de 10 anos.

5 - Caracterização do agregado familiar no que respeita às habilitações literárias

Nível de instrução	Agregado Familiar			Total
	Pai	Mãe	Irmãos	
Não sabe ler/ Escrever	0	0	2	2
Sabe ler/escrever mas sem grau de ensino	0	0	1	1
Ensino básico	0	0	0	0
Ciclo preparatório	4	2	0	6
9º Ano	4	1	0	5
12º Ano	0	4	0	4
Frequência universitária	0	0	0	0
Bacharelato	0	0	0	0
Licenciatura	0	1	0	1
Pós Graduação	0	0	0	0
Mestrado	0	0	0	0
Doutoramento	0	0	0	0

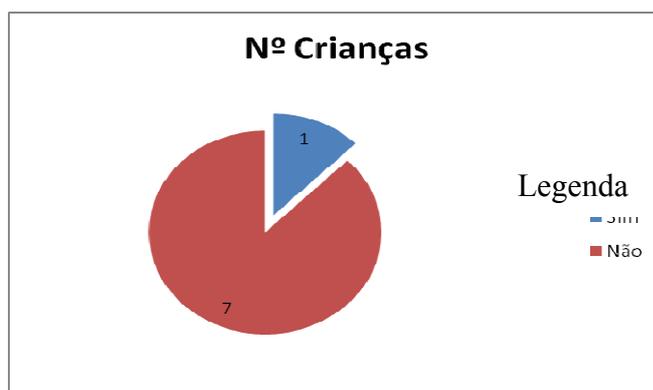
*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Quadro 2

Centrando-nos na análise das habilitações literárias dos pais, concluímos que a maior parte dos pais apenas concluiu o Ciclo Preparatório, apenas 1 frequentou só o ensino básico e 5 completaram o 9.º ano.

Apenas 4 pais concluíram o 12.º ano e só uma mãe frequentou o ensino superior. No que respeita aos irmãos destas crianças, apenas se salienta que se enquadrou em “sabe ler/ mas sem grau de ensino” o irmão que frequenta o ensino básico e “não sabe ler/escrever”, os irmãos que frequentam o Jardim de Infância.

6 - Caracterização do universo de crianças com irmãos a frequentar a mesma Instituição



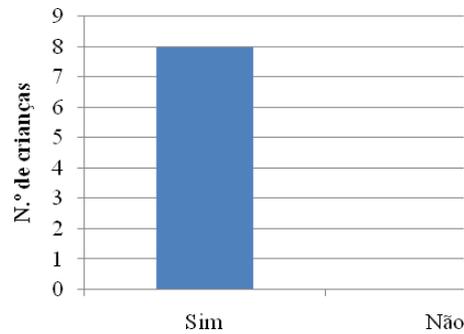
*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 4

Segundo os dados, apenas uma criança tem um irmão a frequentar a mesma instituição e a maior parte das crianças é filho único.

7, 8 e 9 - Caracterização da gravidez:

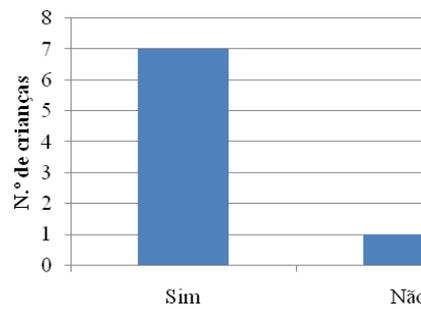
Gravidez desejada



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 5

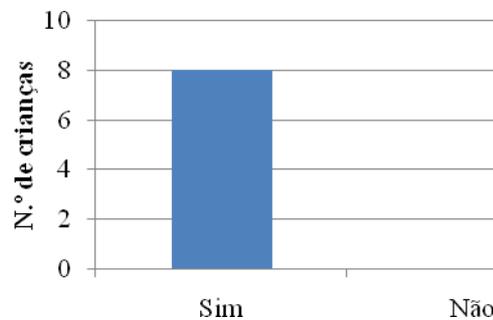
Gravidez planeada



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 6

Preparada para ser mãe:

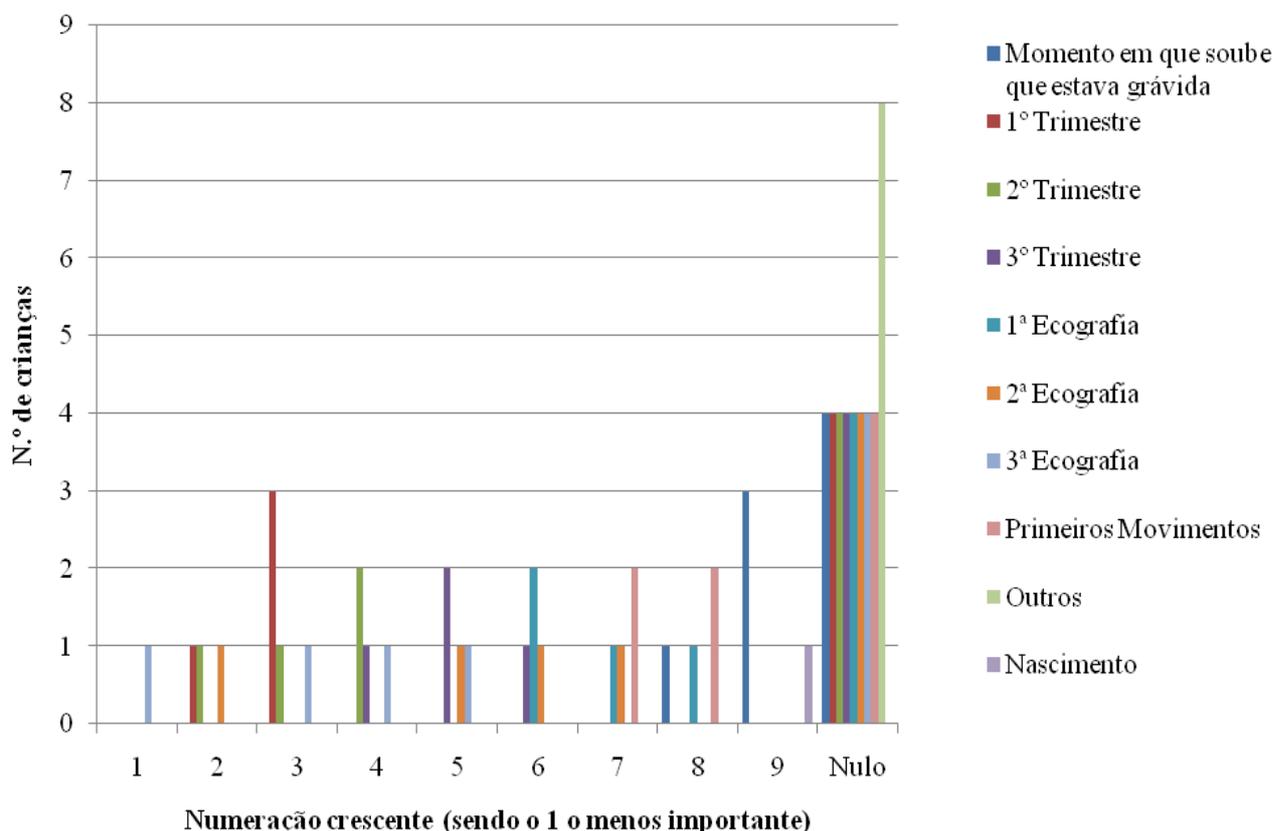


*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 7

Segundo os dados recolhidos, da análise dos gráficos 5, 6 e 7 todas as gravidezes foram desejadas, apenas uma não foi planeada e todas as mães consideravam-se preparadas para ser mães.

Momentos da gravidez:



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

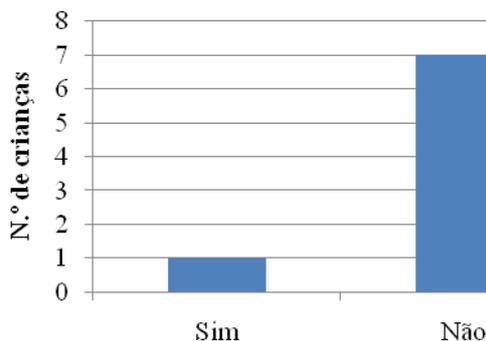
Gráfico 8

A observação deste gráfico indicia que podem ter surgido algumas dúvidas no preenchimento desta questão do inquérito por questionário.

Na interpretação deste gráfico podemos perceber que 4 Inquéritos foram considerados nulos, uma vez que não enumeraram como solicitado, sendo a sua interpretação difícil.

Salientamos apenas que dos 4 Inquéritos avaliados, 3 consideraram mais importante, o momento em que souberam que estavam grávidas.

11 - Exames complementares



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 9

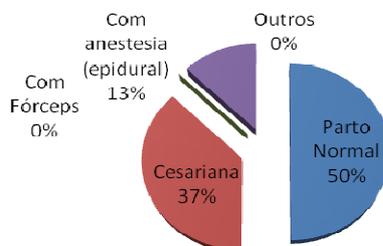
11.1 - Exames complementares (cont.)

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Exame urina, Suspeita de uma infecção Antibióticos durante uma semana	Tinha Tomei

A observação destes dados, afirma-nos que apenas uma mãe necessitou de exames complementares. Um exame à urina que necessitou de antibiótico.

Caracterização do parto

12 - Tipo de parto

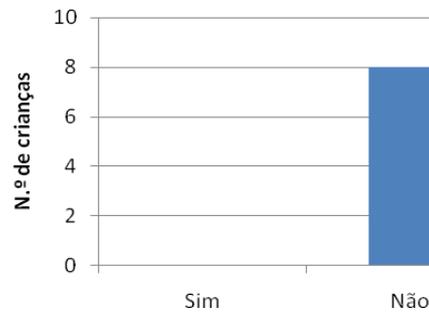


*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 10

Do gráfico apresentado, concluímos que metade das crianças (50%) nasceu de parto normal, 3 crianças (37%) nasceram de cesariana e apenas uma foi sujeita a anestesia epidural.

13 - Complicações no parto

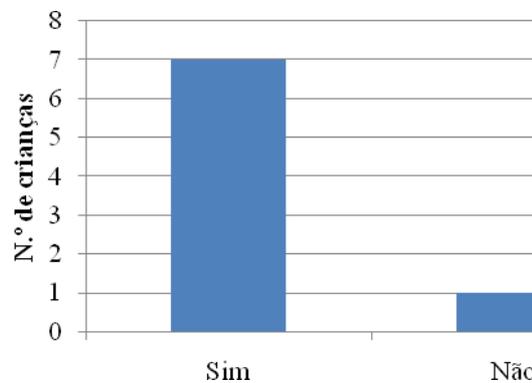


*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 11

Nenhuma mãe teve qualquer tipo de complicação no momento do parto.

14 - Contacto físico imediato com o bebé



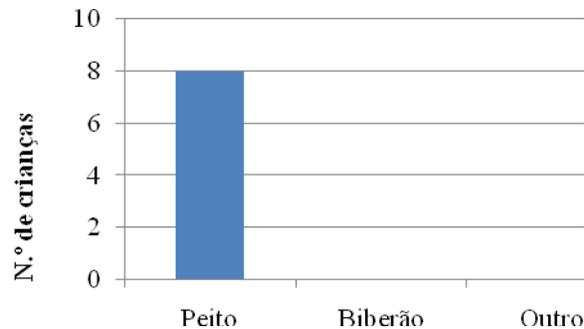
*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 12

Na análise deste importante gráfico, concluímos que apenas uma criança não teve contacto físico directo com a mãe, imediatamente após o parto.

15 e 16 - Caracterização do hábitos alimentares:

Primeiros dias

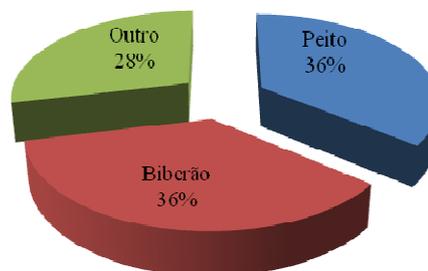


*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 13

Analisando os hábitos alimentares das crianças nos primeiros dias de vida, concluímos que todas puderam ser alimentadas através da amamentação.

Actualmente:

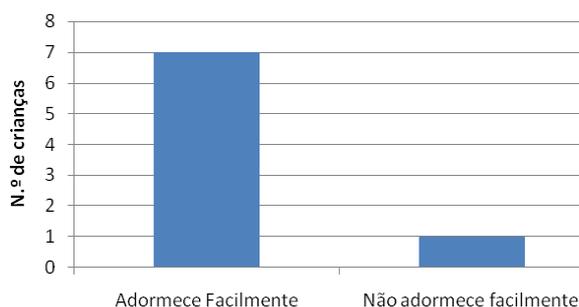


*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 14

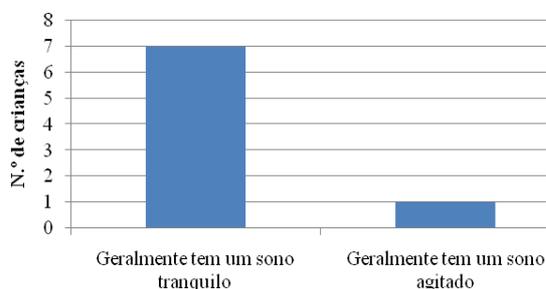
Actualmente, apenas 36% das crianças são alimentadas a peito, 36% utilizam o biberão. No entanto, 28% das crianças já iniciaram a introdução das papas, fruta e também as primeiras sopas.

17 - Caracterização dos hábitos de sono:



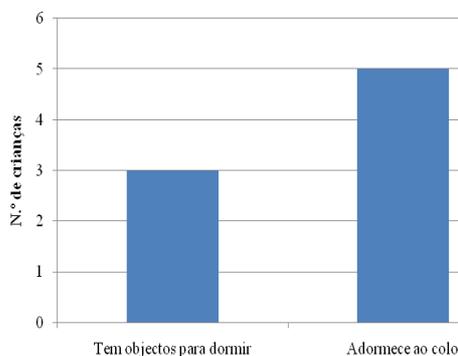
*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 15



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 16



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

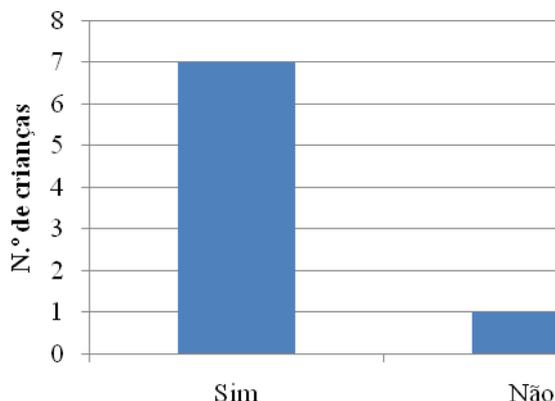
Gráfico 17

Analisando os hábitos de sono, podemos afirmar que a maior parte dos bebés adormece facilmente, e têm um sono tranquilo, apenas 1 tem um sono agitado. 5 bebés adormecem ao colo e apenas três possuem objectos para dormir.

Um dos Inquéritos revela que o bebé adormece facilmente na creche, e não o faz em casa.

Características do bebé nos primeiros 4 meses de vida:

18 - Primeiro sorriso:



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 18

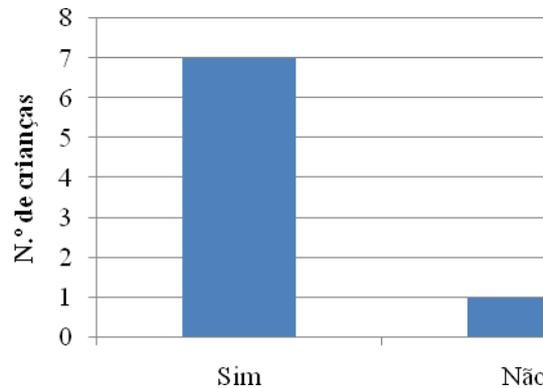
18. 1- Primeiro sorriso (cont.):

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Sorriso muito satisfeito Dois sozinhos, dar-lhe peito e a brincar com ele, surpreendeu ao dar uma risada bem alta, percebi que se estava a rir da brincadeira, não eram sorrisos de recém-nascido Quando o irmão falou com ele Tinha cerca de 12 dias. Abriu a boquinha e sorria. Foi uma coisa inexplicável. Foi muito bom. Foi um momento emocionante. Estava a falar para ele, quando olhou-me e sorriu-se. Foi fantástico Estava a acariciá-la e a conversar com ela. Timidez no olhar, seus lábios começaram a sorrir levemente	Foi um; Daqueles que mostram que estamos; Eu estava a; Quando ele; Conseguí tirar uma foto do segundo sorriso; Quando de repente com uma certa

Analisando ambas as questões, podemos constatar que o primeiro sorriso do bebé foi sem dúvida um momento marcante para a maioria dos pais. Apenas uns pais não se recordaram do primeiro sorriso do seu filho.

Os pais relembram o momento como algo “emocionante”, “inexplicável”, “fantástico”, algo “muito bom”. Alguns pais conseguiram compreender a causa do sorriso: “percebi que estava a rir da brincadeira”; “sorriu quando o irmão falou com ele”.

19 - Diferentes tipos de sorriso:



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 19

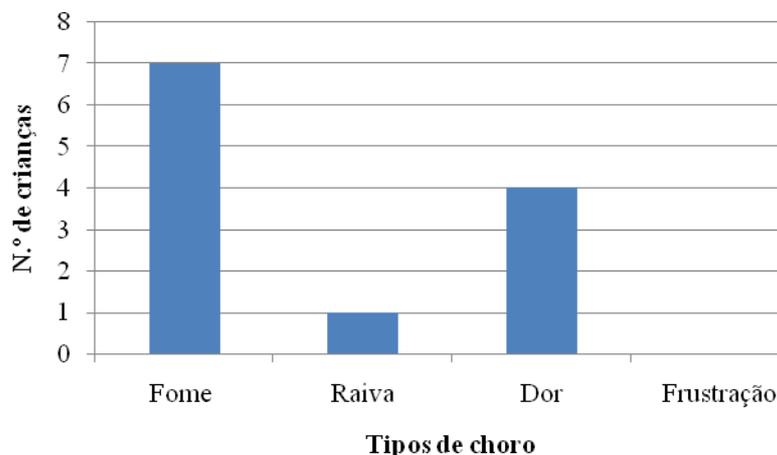
Analisando os gráficos, podemos afirmar que apenas uns pais não reconheceram o primeiro sorriso do seu bebé e os diferentes sorrisos demonstrados nos primeiros 4 meses de vida.

19.1 - Diferentes tipos de sorriso (cont.):

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Sorriso de ver alguém reconhecido O sorriso quando estava a dormir Ri quando está a dormir, o que penso que seja a sonhar Ri-se com cócegas, quando brincamos Quando está com muito sono ri-se e chora ao mesmo tempo, De asneira e quando gosta de comer alguma coisa Ele ria-se quando se fazia festas e palhaçadas Ria-se quando chegava a mãe ou o pai. Riso profundo e dócil Felicidade, brilho nos olhos e agitação, Satisfação, olhar de lado e muita calma Confiança, como se soubesse que está fazendo uma asneira, tem apoio	Ainda hoje se; Demonstrando algum cansaço; O nosso; Com um

Podemos constatar que os pais reconhecem sorrisos de felicidade, de satisfação, de asneira, de brincadeira, de confiança. É importante referir que distinguem sorrisos de pessoas que lhes são familiares, através de um riso profundo e dócil, característica de uma vinculação segura. Não podemos deixar de salientar que ao analisarmos esta questão, apercebemo-nos de que os pais foram mais expressivos e deram bastante ênfase a esta questão.

20 - Diferentes tipos de choro:



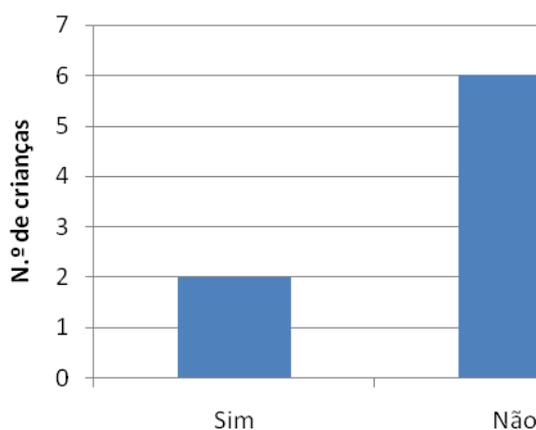
*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 20

Do gráfico apresentado, podemos concluir que os pais reconhecem diferentes tipos de choro do seu bebé. A maior parte deles, reconhece o choro de fome, 4 reconhecem choro de dor e apenas um reconhece o choro de raiva.

Nenhum dos pais reconhece o choro de frustração.

21 - Reacção face a estranhos:



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 21

21.1 - Reacção face a estranhos (cont.):

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Ficava séria a olhar Chorava muito Desesperada à procura de socorro	Como se estivesse

Analisando o gráfico 21, podemos concluir que, nos primeiros 4 meses de vida, 6 bebés não reagiam a pessoas estranhas e 2 bebés estranharam pessoas diferentes. Deparamo-nos com um dado interessante e bastante curioso, estes dois bebés são do sexo feminino e uma delas reagia de forma muito negativa, a pessoas estranhas, pois “chorava muito”, “desesperada à procura de socorro”, característica de uma vinculação ambivalente.

22 – Reacção em momentos de desconforto:

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Chora e mexe-se bastante Chora, mexe as mãos e as pernas com muita agitação Chora Chora, acalma-se no colo Resmunga Reage mal, chora Choro Fica muito irrequieto Chora	O meu bebé; Pois é a única linguagem que sabe expressar, Mais dependendo do que sente e a maneira como chora

A partir deste quadro, podemos concluir que todas as crianças choram em situações de desconforto, ficando bastante agitadas e irrequietas.

Caracterização das reacções dos pais e dos bebés na Creche

23 – Reacções dos Pais no primeiro dia na Creche:

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Angustiadados por não estar com o bebé Receio que ele estranhasse As meninas, não soubessem dar resposta ao bebé, por não conhecerem as rotinas do bebé Ansiedade Ansiedade Angustia Não sabia como se ia portar com pessoas estranhas Muitas saudades Sensação de vazio No primeiro dia estive a ver fotos, para matar saudades Preocupação, Não ia faltar nada, Cuidar bem dele, Chorar muito Reagi de forma preocupante Chorei com preocupação, de como seria o primeiro dia dele. Ele ficou muito bem Ficamos um bocadinho de pé atrás Comecei a ter muita confiança nos profissionais Coração apertado, medo, insegurança, frustração Por mais bem cuidada que estivesse, iria chorar à procura da mãe, Não estaria lá para protege-la e acalmá-la	O dia todo e com; Que estavam com ele na sala; Não por não serem responsáveis, mas por não conhecerem; Para que as horas passassem rápido para volta a ter o meu bebé comigo; Porque, como ela; Eu como mãe Por isso nós como pais confiamos no trabalho da instituição; No início, Não conhecíamos ninguém, mas com o evoluir dos dias; Que cuidam do meu filho; Por não poder estar junto dela;

Todos os pais, naturalmente, sentiram-se bastante ansiosos e com muitas saudades, inseguros, preocupados, frustrados, com o coração apertado, pois estavam receosos por não saberem como eles reagiriam. Um dos inquiridos afirma, inclusive, que chorou de preocupação. Outro, afirma que necessitou de ver fotos do seu bebé para matar saudades.

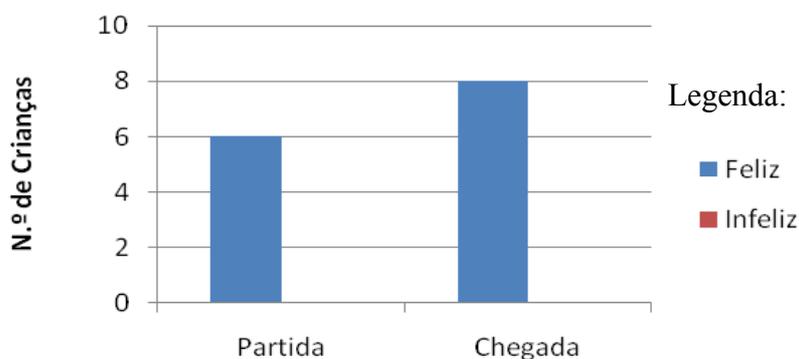
24 – Primeiras manifestações do bebé na Creche:

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Saudades Contente quando me viu Reagiu muito bem no primeiro dia de creche Tranquilo Quando voltei para o ir buscar, demonstrou a mesma tranquilidade com que tinha ficado. Estava com algumas saudades minhas Não dei por nada Não queria ir para o colo da educadora Sorrisos, alegrias Não teve problema nenhum Ficou muito admirado com tudo o que se passava Não chorou ficou muito bem Não manifestou qualquer tipo de reacção anormal Estava contente o que é o normal nele Quis estar o tempo todo ao colo da mãe	Estava com; Ficou; O meu bebé; Até ao momento; No primeiro dia de Creche ele;

Concluimos nesta questão que a maior parte das crianças reagiu de forma muito positiva ao primeiro dia de Creche.

Saudades e contentamento são os adjectivos mais utilizados pelos pais, para descrever esta questão. Gostaríamos de referir que as reacções mais diferentes foram dos bebés mais velhos, por exemplo: “não queria ir para o colo da educadora”; “estava com saudades”. Apenas um bebé, quando chegou a casa “quis estar o tempo todo ao colo da mãe”.

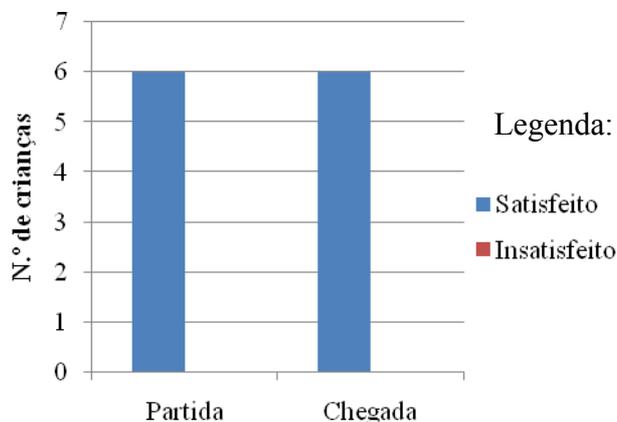
25 e 26 – Momentos de chegada e partida à Creche



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 22

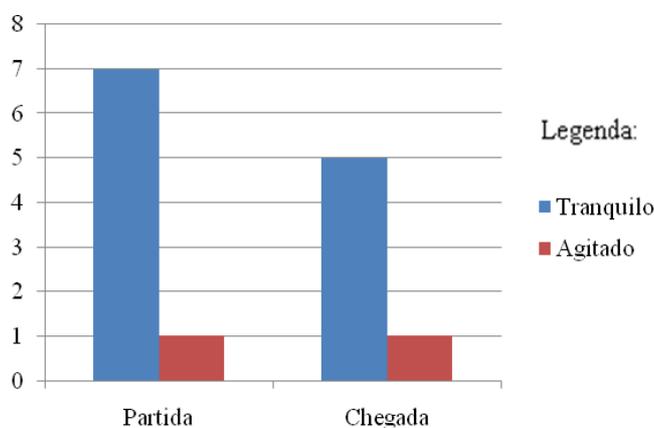
Observa-se que a maioria dos pais nota que os filhos estão felizes no momento em que o vão levar à Creche. Apenas 6 reconhecem essa felicidade quando os vão buscar. Nenhum pai sente o seu filho infeliz.



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 23

Constata-se na análise do gráfico que a maioria das crianças estão satisfeitas, tanto nos momentos de chegada como nos momentos de partida.



*dados obtidos a partir dos inquéritos por questionário realizados em Novembro de 2009

Gráfico 24

Analisando este gráfico, sete pais encontraram os seus filhos tranquilos no momento de entrada na creche, mas apenas 5 encontram essa tranquilidade quando os vão buscar.

Um dos inquéritos revela alguma incoerência, pois a mãe assinalou em ambos os momentos os dois sentimentos: tranquilo e agitado.

27 – Reacção no momento de chegada à Creche:

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Contente Ergue os braços Sorriso Sente algumas saudades Com alegria Chorava a pedir colo Sorriso Grandes movimentos Reage muito bem Sorri para mim Todo feliz por me ver Enorme felicidade Vontade de me abraçar	Fica todo; Sempre que me vê chegar reage; Noto que; O meu bebé; E com uma

Nos momentos em que os pais chegam à Creche para ir buscar o seu bebé, a maior parte deles “reage muito bem, com “enorme felicidade”, com sorrisos, pedindo contacto com os pais, nomeadamente: “ergue os braços”; “chorava a pedir colo”; “vontade de me abraçar”. Estas reacções podem indicar vinculação ambivalente/resistente.

28 – Reacção no momento de partida da Creche:

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Não fica triste Gosta de ficar na escola Muito tranquilo e calmo. Nunca ficou a chorar Não estranha a partida da mãe Diz “xau” a todos Sorriso Reage muito bem, Não estranha Não se importa Fica muito bem Normalmente sorri	Quando deixo o meu bebé na creche ele fica; O meu bebé:

Através desta análise de conteúdo, podemos afirmar que nenhuma criança sofre no momento de separação, a maior parte reage positivamente quando vê a mãe partir.

29 – Reacção no momento na hora de amamentação na Instituição:

Análise de Conteúdo das respostas	Lixo
Quando me vê dá um sorriso de alegria e saudade também Vontade tão grande de me agarrar Com sorrisos Brilho de alegria nos olhos Se sente fome chora	Normalmente quando chego à instituição o meu bebé, já está com fome; Amamento em casa; Só amamentei até aos 8 dias; Fica com uma; Normalmente; Por estar à espera da mama

Analisando os Inquéritos, podemos perceber que apenas 3 mães amamentam o seu filho na instituição. Nesta hora, apercebemo-nos que como as crianças estão com fome, reagem de forma entusiasta, pois vão satisfazer uma necessidade básica.

Conclusões finais relativamente à pergunta de partida

Relativamente à nossa pergunta de partida e após um exaustivo trabalho de Investigação, sabemos hoje que diferentes tipos de vinculação, de facto, fazem com que os bebés tenham adaptações diferentes à creche.

O primeiro sinal de vinculação é a mãe aceitar que está grávida, e através dos Inquéritos realizados, pudemos constatar que todas as mães desejaram os seus bebés, bem como se sentiram preparadas para esse papel.

Assim e relativamente às hipóteses por nós formuladas, pudemos averiguar que dado o escasso número de crianças observadas e Inquéritos realizados, não conseguimos comprovar as seguintes hipóteses:

- Crianças com vinculação evitante, têm uma adaptação à creche aparentemente fácil, pois o bebé é mais passivo, não pede atenção e “foge” do adulto, talvez pela mãe não lhe ter dado atenção suficiente;

- Crianças com vinculação evitante, têm uma adaptação à creche aparentemente fácil, pois o bebé é mais passiva, não pede atenção e “foge” do adulto, talvez pelo bebé não trazer consigo desde o nascimento esta necessidade;

- Crianças com vinculação desorganizada, têm uma adaptação à creche difícil, pois parecem bebés confusos e com medo;

As hipóteses que mais se salientam nos dados recolhidos e que conseguimos comprovar foram:

Crianças com vinculação segura, têm uma adaptação à creche mais “segura”. Na prática, os bebés não sofrem com a separação, porque mesmo não vendo o adulto, eles sentem-se seguros;

Aparentemente, e baseados nos registos de observação e Inquéritos por Questionário, 7 bebés poderão ter uma vinculação segura. De referir que todos foram desejados e planeados. São maioritariamente bebés felizes, satisfeitos e tranquilos (ver gráficos 22,23,24), que reagiram positivamente ao primeiro dia de creche (ver análise da questão 24).

Ao falarmos de bebés seguros, falamos obrigatoriamente de modalidade de sorriso e choro. Através da análise dos dados e da nossa problemática teórica, comprovamos que bebés seguros sorriem de maneira diferente para pessoas diferentes.

De facto, percebemos que os pais reconhecem diferentes sorrisos (ver análise da questão 19), pois tal como referimos anteriormente, as crianças riem-se para pessoas que lhes são familiares e sorrir passa a ser um acto social (ver Anexo II Registo de Observação I).

Não podemos deixar de referir a palavra confiança, que surgiu num Inquérito, enquadrado na frase: faz “asneiras e tem o nosso apoio” (ver análise da questão 19). Uma criança com vinculação segura sabe que vão cuidar delas, independentemente do seu comportamento, pois sabe que são amadas.

Todas estas crianças durante o dia na creche, interagem com os prestadores de cuidados e com os brinquedos de forma muito positiva, e com bastante confiança (ver Anexo II Registo de Observação II).

Tivemos a oportunidade de presenciar o primeiro dia de escola de uma criança, que apesar de interagir com os brinquedos, de vez em quando olhava para a mãe. No momento da saída da mãe, a criança chorou, procurando-a pela sala. O educador, pegou na criança ao colo acalmando-a, pois bebés seguros são bebés cooperantes (ver Anexo II Registo de Observação III).

- Crianças com vinculação ambivalente ou resistente têm uma adaptação à creche mais difícil, uma vez que sofrem de ansiedade de separação e angústia face a estranhos;

Ao longo na nossa Investigação, apercebemo-nos de que um bebé, poderá estar com uma vinculação ambivalente, e o seu processo de adaptação foi um pouco difícil, uma vez que a criança chorava várias vezes durante o dia (ver Anexo II Registo de Observação IV).

Avaliando pormenorizadamente esse Inquérito, pudemo-nos aperceber que não foi uma gravidez planeada e que durante os primeiros quatro meses de vida foi um dos bebés que apresentou angústia face a estranhos. Outro aspecto a salientar é o facto de ser a única mãe que reconhece o choro de raiva (ver gráfico 20). Durante a ausência da mãe, é um bebé que chora angustiado na presença de pessoas estranhas, não mantendo contacto visual com a mesma (ver Anexo II Registo de Observação V), no entanto quando vê a mãe, agita pernas e braços, pedindo colo. Inclusive a mãe respondeu que quando o bebé chegou a casa, após o primeiro dia de escola, “quis estar o tempo todo ao colo da mãe”.

Todas estas características comprovam-se na problemática teórica.

Podemos assim concluir que, nesta creche, existem crianças com vinculação segura que possuem um conjunto de predisposições importantes a longo prazo.

Mais tarde, em idade pré-escolar, serão crianças mais curiosas, competentes, empáticas, auto-confiantes, que se dão melhor com outras crianças e formam relações de amizade próximas. Interagem mais positivamente com pais, educadores e com pares e são mais capazes de resolver conflitos, pois sabem que são amadas independentemente do seu sucesso.

Então devemos alertar pais e educadores para esta etapa de desenvolvimento para que seja bem trabalhada e valorizada. O bebé detectado com vinculação ambivalente, é um bebé de 4 meses que se encontra ainda na fase inicial das etapas de vinculação, e que poderá ser compensado se devidamente trabalhado. Aqui o “facieis”, (o rosto na sua totalidade) do educador e o seu comportamento deverá ser caloroso de forma a que a criança passe para a etapa seguinte com uma vinculação segura.

Considerações finais

Este trabalho fruto de um grande esforço e trabalho, serviu para tirarmos muitas conclusões sobre a nossa prática, aperfeiçoá-la ou até modificá-la.

Para nós, como profissionais de Educação este trabalho mostrou-se muito significativo, por várias razões. Primeiramente, porque respondeu às nossas motivações pessoais sobre este tema e segundo, porque pudemos comprovar que a teoria abordada durante a nossa pós-graduação é de facto observável.

Pode-se então concluir que a elaboração deste trabalho, foi de extrema importância, na medida em que enriqueceu a nossa formação, e nos deu bases sólidas acerca dos processos vinculativos para o nosso futuro profissional, e desta forma, estarmos mais alerta para responder e acompanhar o desenvolvimento e as relações das crianças.

No fundo, o trabalho consiste na apresentação das considerações metodológicas, as ideias principais de uma abordagem qualitativa, os métodos e técnicas de recolha de informação através de técnicas não-documentais, isto é, uma Inquéritos por Questionário e transcrição de registos vídeo em Registos de Observação a qual se procedeu ao tratamento da sua informação.

Gostaríamos de agradecer ao nosso orientador, Prof. Júlio Sousa pela compreensão, disponibilidade e ajuda dada para a concretização deste Projecto tão significativo para nós.

Bibliografia

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, (1997), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa, Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica,
- PAPALIA, Diane E. OLDS, Sally Wenkos; FELDMAN, Ruth Duskin (2001) *O Mundo da Criança*. 8.^a Edição Lisboa: MacGraw-Hill;
- POST, Jacalyn, HOHMANN, Mary, (2003) *Educação de bebés em infantários – Cuidados e primeiras aprendizagens*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian;
- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van, 2003, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 3.^a edição Lisboa: Gradiva;
- WEIKART, P. David; HOHMANN, Mary, (2004), *Educar a Criança*, 3^a Edição Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;
- ZABALZA, Miguel, A. (1998), *Didáctica da Educação Infantil*, São Paulo, Artmed.

Anexos

Anexo I – Inquérito por Questionário

Vimos solicitar a sua colaboração no preenchimento do seguinte Inquérito por Questionário destinado aos pais da sala dos bebés da Associação de Solidariedade Humanitária de Monte Córdova.

Enquadra-se num projecto de investigação desenvolvido no âmbito da Pós-Graduação da criança em Creche, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti tendo como objectivo perceber de que modo a ligação Mãe/Bebé interfere na adaptação do bebé ao ambiente de Creche.

Assegurando o anonimato de cada participante na investigação, agradecemos toda a disponibilidade e colaboração dispensada.

DADOS DA CRIANÇA:

1 - Data de nascimento do bebé: ___ / ___ / _____

2 – Sexo:

Feminino

Masculino

3 – Idade em meses com que iniciou a frequência na Creche? _____

4 – A criança está a cargo de:

Pais

Pai

Mãe

Avós Maternos

Avós Paternos

Tios

Outro. Qual? _____

4.1 - Se está a cargo de outra pessoa, porque motivo:

AGREGADO FAMILIAR:

5 – Composição do agregado familiar:

Parentesco	Idade	Habilitações Literárias

6 – Tem irmãos a frequentar a Instituição?

Sim Não

GRAVIDEZ:

7 – Foi uma gravidez desejada?

Sim Não

8 – Foi uma gravidez planeada?

Sim Não

9 – Sentia-se preparada para ser mãe?

Sim Não

10- Quais os momentos mais emocionantes durante a gravidez? Enumere-os de forma crescente (de 1 a 9), pelo seu grau de importância, sendo o 1 o menos importante.

Momento em que soube que estava grávida	
Primeiro trimestre de gravidez	
Segundo trimestre de gravidez	
Terceiro trimestre de gravidez	
Primeira ecografia	
Segunda ecografia	
Terceira ecografia	
Primeiros movimentos do bebé	
Outro. Qual? _____	

11 - Teve a necessidade de realizar exames complementares?

Sim Não

11.1 - Se respondeu afirmativamente qual o exame que realizou e porque motivo?

NASCIMENTO:

12 - O parto foi:

Parto normal	
Cesariana	
Com fórceps	
Com anestesia (epidural)	
Outro. Qual? _____	

13 - Teve algum tipo de complicações no parto?

Sim Qual? _____

Não

14 - Logo após o nascimento, teve de imediato contacto físico com o seu bebé?

Sim Não

HÁBITOS ALIMENTARES

15 - Nos primeiros dias,

Peito Biberão

Outro, qual? _____

16 - Actualmente:

Peito Biberão

Outro, qual? _____

HÁBITOS DE SONO:

17 – Habitualmente, o seu bebé:

Adormece facilmente	
Não adormece facilmente	
Tem objectos para dormir	
Geralmente tem um sono tranquilo	
Geralmente tem um sono agitado	
Adormece ao colo	
Outro. Qual? _____	

PRIMEIROS MESES DE VIDA (ATÉ AOS 4 MESES):

18 - Recorda-se do primeiro sorriso do bebé?

Sim Não

18.1 - Se possível descreva o momento.

19 – Reconheceu, nesse período diferentes tipos de sorriso do seu bebé?

Sim Não

19.1 - Se respondeu afirmativamente, consegue descrevê-los?

20 – Reconheceu, nesse período diferentes tipos de choro do seu bebé?

Choro de fome	<input type="checkbox"/>
Choro de raiva	<input type="checkbox"/>
Choro de dor	<input type="checkbox"/>
Choro de frustração	<input type="checkbox"/>

21 - O seu bebé reagiu, nesse período a pessoas estranhas?

Sim Não

21.1 - Se respondeu afirmativamente, descreva a reacção do seu bebé.

22 – Em situação de desconforto, como reage o seu bebé?

PRIMEIRAS SEMANAS NA CRECHE:

23 – O que sentiram os pais, no primeiro dia em que o seu bebé foi para a creche?

24 – Descreva as manifestações do bebé no primeiro dia de creche

25 – Quando vai buscar o seu filho à Creche sente-o:

Feliz	
Infeliz	
Satisfeito	
Insatisfeito	
Tranquilo	
Agitado	
Outro, qual? _____	

26 – Quando vai levar o seu filho à Creche sente-o:

Feliz	
Infeliz	
Satisfeito	
Insatisfeito	
Tranquilo	
Agitado	
Outro, qual? _____	

27 – Nos momentos de chegada como reage o seu bebé quando a vê?

28 – E nos momentos da partida?

29 - Caso ainda amamente o seu bebé e o faça na instituição, como reage o bebé quando a vê?

Obrigada pela sua colaboração! 😊

Anexo II – Registos de Observação

Registo de Observação I

Nome da criança: Criança A

Idade: 7 meses

Observadora: Investigadora

Data: 18/11/09

Hora: 18h00

Local: Sala Parque

Registo: A criança A está num suporte de assento a interagir com os brinquedos do suporte. Entretanto, batem à porta na sala, a Criança A olha em direcção à porta, e reconhece a mãe. A mãe ao abrir a porta diz: “cucu”. A criança A, automaticamente sorri abrindo a boca, balbuciando. Tenta tirar o brinquedo do suporte. Paralelamente, a criança faz ainda movimentos e pequenos sons, baloiçando-se para a mãe. De seguida a mãe corre na sua direcção, ajoelha-se, a criança, sempre a sorrir levanta ligeiramente os braços e a mãe pega-o ao colo, dando-lhe beijos

Registo de Observação II

Nome da criança: Criança B

Idade: 6 meses

Observadora: Investigadora

Data: 13/11/09

Hora: 14h00

Local: Dormitório

Registo: Na hora da seta, a criança B acordou a chorar. A educadora dirigiu-se para a criança dizendo: “Então o que se passa? Acordaste mal disposto foi?” a educadora afasta os lençóis e o cobertor de cima da criança, estando esta a abanar ligeiramente as pernas e os braços. Quando a educador lhe pegando ao colo, automaticamente pousou a cabeça em cima do ombro da educadora, parou de chorar. No entanto, a educadora continuava a falar com ele, para o acalmar.

Registo de Observação III

Nome da criança: Criança C

Idade: 4 meses

Observadora: Investigadora

Data: 17/11/09

Hora: 9h15

Local: Sala Parque

Registo: A criança C entra dentro da sala com a mãe. Está muito atenta, observadora, agarrada ao casaco da mãe. A mãe fecha a porta e começa a falar com a educadora. A criança fica a olhar para a educadora um pouco desconfiada. Entretanto a educadora começa a interagir com a criança e esta começa-se a rir. A educadora ergue os braços e a criança vai para o colo dela sem grande hesitação. Começa a afastar-se da mãe, e a criança procura onde está a mãe. A educadora pousa a criança no chão, não desviando o olhar da mãe. Esta aproxima-se para interagir com ela. Enquanto está entretida com os brinquedos, a mãe afasta-se, despede-se dela, deixando-a brincar.

Quando a criança levanta a cabeça, olha à sua volta e se apercebe que a mãe não está na sala, começa a chorar. A educadora aproxima-se dela, pega-lhe ao colo, tentando acalmá-la. Momentos depois a criança já estava de novo à volta dos brinquedos na presença da educadora.

Registo de Observação IV

Nome da criança: Criança D

Idade: 5 meses

Observadora: Investigadora

Data: 13/11/09

Hora: 9h45

Local: Sala Parque

Registo: A mãe entrou na sala com a criança D ao colo. Logo após ter ido para o colo da educadora, fitou a investigadora (a investigadora estava a filmar) e começa a chorar. A mãe apercebeu-se porque estava a chorar. Entretanto, a criança acalma-se e a educadora pousa a criança no chão e brinca com ela, não deixando de olhar à sua volta.

Ao olhar à sua volta, volta a olhar para mim, e começa de novo a chorar. A educadora dirigiu-se para ela comentando: “pois não conheces esta pessoa não é?”. Educadora pega-lhe ao colo, continua a falar com ela, até ela se acalmar.

Registo de Observação V

Nome da criança: Criança D

Idade: 5 meses

Observadora: Investigadora

Data: 17/11/09

Hora: 9h15

Local: Sala Parque

Registo: A educadora está a mudar a fralda à criança A mãe chega. A educadora está falar com a criança uma vez que ela está a chorar ⁽¹⁾. Quando a mãe entra e se dirige à criança para falar com ela, a criança apercebe-se da voz da mãe e, por breves momentos pára o choro. A mãe continua a falar com ela. A criança volta a chorar mas desta vez mais alto, começando a abanar as pernas e os braços. Quando a educadora acaba de mudar a fralda, a mãe pega nela, e aos poucos começa a acalmar-se.

(1) Salienta-se que a criança começou a chorar quando a investigadora chega à sala